
HOULA Ko ou le fils du soleil et du vent (Houla Ko, ou o filho do sol e do vento). Direção: Jean Arlaud. Realização: Jean Arlaud, Geneviève Delbos, Pierre Mollo. França: Compagnons du Regard, 1991. Filme 16 mm (86 min), cor. Documentário. Distribuição: CNC (Centre National de la Cinématographie – www.cnc.fr).

Rafael Devos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil*

*Ouvrez grand vos yeux. Ecoutez ce n'est pas difficile.
Ma bouche vous envoie une parole...*

(“Abra bem os olhos. Escute, não é difícil. Minha boca
lhes envia uma palavra...”)

Com uma percussão ritmada, e uma voz que anuncia essas palavras, começa o documentário *Houla Ko ou le Fils du Soleil et du Vent*. No desenrolar do filme, saberemos que essas são as palavras de um mensageiro dos *houla*, habitantes da costa do Benin, no Norte da África, que vivem da extração do sal e da pesca em suas lagunas. O mensageiro divulga um projeto de intervenção, realizado por uma delegação francesa, entre as aldeias da região. Mas as palavras do mensageiro se destinam também aos espectadores do documentário, anunciando a postura que guiará os personagens da história (os *houla* e os técnicos franceses) e seus realizadores em sua aventura: a escuta e o olhar atento, a disposição ao diálogo.

Apesar de não ser um filme recente, essa resenha destaca este documentário em função do presente número de *Horizontes Antropológicos*, ou seja, as inter-relações entre meio ambiente, cultura e sociedade. O filme aborda a temática ambiental de uma forma incomum: distante do usual tom de denúncia ou da descrição isolada da flora e fauna ou das práticas e saberes de

* Doutorando em Antropologia Social.

populações tradicionais, a narrativa está centrada no contato entre franceses e africanos, na transposição de tecnologias de exploração dos recursos naturais e na busca de uma relação ética na realização de tal tarefa.

O projeto visa transpor uma técnica tradicional, realizada por produtores de sal da região da Bretanha, na França, para os produtores de sal do Benin. Os *houla* utilizam a técnica de filtrar e ferver a água das lagunas, o que utiliza grande parte da madeira disponível em suas florestas, causando ainda o empobrecimento de suas lagunas, importantes para a reprodução de peixes e outros animais marinhos. Já os franceses passam boa parte do filme tentando convencer os africanos de que é possível fazer como eles, extrair o sal com a ajuda “do sol e do vento” nas salinas:

Tudo é uma história de nível de água. Temos um terreno argiloso, sobre o qual fazemos correr a água e evaporar... Refazemos pontes, recolocamos a argila no inverno, e na estação seca, no verão, a água se torna cada vez mais salgada. Aí aproveitamos a maré alta para capturar a água do mar e tentamos fazê-la circular pela maior superfície possível. Trabalhamos para tirar a melhor parte da natureza, separar o sal do mar com a ajuda do sol e do vento... Essa técnica que represento não fui eu que inventei, foram meus ancestrais.

Com a ajuda de um tradutor, Alain, um dos produtores de sal dos pântanos de Guérande, na Bretanha, repete inúmeras vezes essa explicação aos *houla*. No entanto, na medida em que jovens moradores das aldeias dos *houla* aceitam serem formados na execução dessa técnica, as dificuldades começam a aparecer.

Por um lado, revelam-se as diferenças entre o ambiente dos pântanos do Norte da França e das lagunas do Norte da África. A técnica dos franceses revela-se como uma forma de conhecimento da dinâmica das marés e das estações de seca e de chuvas dos pântanos da Bretanha, técnica que se mostra inadequada para o solo e o clima úmidos das lagunas do Benin. As infiltrações no solo impediam a formação da argila necessária para a cristalização do sal, pois as lagunas estavam repletas de caranguejos que arruinavam o trabalho dos jovens de alisar o terreno com pás. A estação seca aguardada não era seca o bastante. Os franceses calculavam em torno de 4 anos de trabalho contínuo para o alcance de resultados satisfatórios.

Por outro lado, uma estrutura social ligada à produção do sal se revelava nas dificuldades encontradas. Enquanto que os homens *houla* são pescadores,

a responsabilidade e os saberes quanto à produção do sal são reservados às mulheres, inicialmente ignoradas pelo projeto de capacitação de jovens. As mulheres *houla* riam dos jovens na salina, que produziam 3 kg de sal por dia com muito esforço, enquanto elas eram capazes de produzir em seus fornos 12 bacias de sal para venderem nos mercados vizinhos. Portanto, a maior dificuldade não era ensinar os *houla* a usarem termômetros, pás e outras ferramentas estranhas, nem mesmo convencê-los da possibilidade de produção do sal pela evaporação da água e de que o uso da madeira era prejudicial ao equilíbrio natural da região. Como solução temporária, as mulheres de fato compravam madeira fora da sua região ao invés de queimarem suas florestas. O difícil era ensinar uma prática ocidental que envolve o controle do tempo e a acumulação do trabalho sem entrar em choque com toda a dinâmica da vida social calcada nas práticas cotidianas, pois o projeto interfere nos seus ritmos sazonais de organização social, de divisão do trabalho e de conhecimento do seu próprio meio.

As soluções encontradas são o ponto forte do filme, na medida em que não são impostas, mas encontradas em conjunto, entre os produtores de sal da França e do Benin, funcionários de ministérios franceses e africanos e autoridades locais. Algumas soluções técnicas imediatas (como o uso de lonas para impedir a infiltração do solo) somaram-se a uma viagem à capital local e a diálogos com os chefes religiosos locais, na descoberta de que o sal, assim como o mar, a água das lagoas, as árvores são sagrados e possuem seus nomes no vodu, no sistema cosmológico do grupo. O sal da salina passa a ser reconhecido então como investido de força por ser filho do sol e do vento, integrado ao mundo dos *houla*. O filme acaba com a promessa de uma tentativa de investimento dos próprios *houla* em uma forma de produção de sal menos agressiva ao meio, sem abrirem mão de sua própria forma de vida na região, e do direito de tomarem suas próprias decisões sobre seu destino.

A busca de uma ética comum de uso dos recursos naturais por franceses e africanos, no filme, passa pela descoberta das particulares das próprias concepções de ambos sobre ambientes que inicialmente se diziam semelhantes (ambientes úmidos nas margens do oceano Atlântico) e que se apresentam cada vez mais ricos à medida que os conhecimentos são revelados pela dimensão técnico-cultural dos ambientes socialmente construídos enquanto territórios.

O próprio documentário segue os preceitos éticos de seus personagens, assinalando a presença constante de uma equipe de antropólogos por trás das câmeras, com todo o cuidado da relação entre ética e estética que é possível

observar em outros documentários de Jean Arlaud e seus parceiros.¹ Desde o início do filme, somos imersos em um ambiente que é construído não apenas pelas imagens da terra e da água, mas também pelos sons dos gestos, dos cantos e das palavras dos *houla* no diálogo com Alain e os demais técnicos. Não há nenhum locutor que nos diga o que devemos pensar sobre as imagens, apenas situações de troca em que os personagens buscam o entendimento, como se fôssemos mais um participante desse diálogo. Os ritmos da vida local e o ritmado e cadenciado ritmo de trabalho na salina são igualmente estetizados pelo filme, aludindo às formas diferenciadas de domesticação do tempo.

Desde o início do filme, a paisagem local não é revelada como a costueira flora e fauna a ser catalogada e preservada pelo discurso ambientalista, mas como um mundo que só pode ser descoberto na medida em que abrimos bem nossos olhos e ouvidos, na medida em que estamos atentos à emergência da palavra do outro, e a respeitamos como saber legítimo capaz de dar sentido à experiência humana no mundo.

¹ Jean Arlaud é cineasta e antropólogo, e esteve no Brasil algumas vezes exibindo seus documentários etnográficos. Além de *Houla-Ko*, podemos destacar *Nyangatom: les Fusils Jaunes* (1978), *Le Chemin des Indiens Morts* (1983), *Ici y'a pas la Guerre* (1999) e *Touchez pas au Malang* (2002). Maiores informações em: <<http://lavsmc.free.fr/arlaut/arlautfilmographie.html>>.